

Matthew Restall

Sete mitos da conquista espanhola

TRADUÇÃO DE

Theory of the art Recession



CIVILIZACÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro
2006

UNICAMP
Biblioteca - IFCH

CAPÍTULO 3 Guerreiros invisíveis
O mito do conquistador branco

"Cerca de oito anos atrás (...) estando de posse, como meu escravo, de Juan Valiente, negro, a fim de tratá-lo com generosidade e na certeza de que ele se conduziria de maneira adequada, concedi-lhe permissão (...) para ir à Guatemala, Peru e aonde mais entendesse dirigir-se e ganhar (...) qualquer que fosse seu lucro, desde que mantivesse um registro de sua contabilidade e o trouxesse todo de volta para mim no prazo de quatro anos."

Alonso Valiente (1541)

É uma cena familiar: milhares de guerreiros nativos enxameiam como abelhas em volta de conquistadores em franca desvantagem numérica — que, não obstante tão escassas chances de êxito, conseguem rechaçá-los e sobreviver para retomar os combates no dia seguinte. Tal familiaridade é em parte derivada do contexto mais amplo da experiência colonial ocidental, cuja mitologia é pontuada por histórias de hordas bárbaras milagrosamente repelidas (ainda que por pouco tempo) ou esmagadas: a captura de Atahuallpa, o cerco de Viena, o Álamo, a última batalha de Custer, a defesa de Rorke's Drift.*

A cena também é familiar especificamente no que diz respeito à Conquista espanhola. É onipresente nos relatos mais difundidos da invasão, sobretudo aqueles da Conquista do México, de Bernal Díaz e Cortés a Prescott — este último um best-seller na época em que a história ainda pregava que “os europeus triunfarão sobre os nativos, por mais que seja sua aparente inferioridade”.¹ Trata-se, é evidente, de um corolário

*Além da captura de Atahuallpa (último imperador inca do Peru, morto pelos espanhóis em 1533), descrita neste livro, o autor refere-se, respectivamente, ao cerco de Viena em 1683, do qual os turcos otomanos saíram rechaçados, evitando-se assim a invasão da Europa; ao episódio ocorrido em 1836, durante a revolução texana contra o domínio mexicano, em que 182 insurretos resistiram por mais de dez dias na capela do Álamo, mas acabaram todos mortos; à batalha de Little Big Horn, Montana, em que o coronel George A. Custer e 264 soldados da 7ª Cavalaria foram mortos pelos sioux, em 25 de junho de 1876; e, por fim, à resistência que cerca de cem soldados do vilarejo britânico de Rorke's Drift, na África do Sul, opuseram às investidas de quatro mil guerreiros zulus, em 1879. (N. da T.)

da idéia do “punhado de aventureiros” — sendo igualmente central no retrato da Conquista pintado pelos próprios conquistadores.²

Embora revele muito sobre os espanhóis, essa imagem omite certos aspectos cruciais da história. Já não resta dúvida de que, no campo de batalha, os hispânicos quase sempre estavam em menor número que seus contendores nativos. O que com freqüência é ignorado ou esquecido, contudo, é o fato de que os conquistadores tendiam a ser superados em número também por seus próprios aliados nativos. E os “guerreiros invisíveis” deste mito assumiam ainda outra forma: a dos africanos — escravos e livres — que acompanhavam os invasores espanhóis e, em campanhas posteriores, chegavam a igualá-los ou excedê-los em quantidade.³

Na década de 1760, um frade italiano da ordem dos capuchinhos, Ilarione da Bergamo, viajou pelo México, escrevendo mais tarde um relato de sua jornada. As breves referências de Ilarione à Conquista, baseadas em suas conversas com espanhóis no México e em sua leitura das histórias populares de então, dão-nos uma boa idéia do estado dos mitos da Conquista em fins do século XVIII. No entender do frade, diante dessa desvantagem esmagadora os conquistadores só poderiam ter realizado tão assombrosa proeza graças à superioridade de seus armamentos, às limitações impostas aos “índios miseráveis” por seu próprio caráter supersticioso e às intervenções da Providência. O ponto de vista do capuchinho reflete o dos espanhóis coloniais, sintetizado pela explicação medular que nos dá Bernal Díaz de um embate típico: “os índios investiram contra nós em quantidades tais que só por um milagre da arte da esgrima logramos rechaçá-los e voltar a estruturar nossas fileiras.” É notável a inexistência, ainda na época de Ilarione ou na de Díaz, de referências a nativos ou africanos lutando lado a lado com os hispânicos.⁴

Todavia, o exame minucioso das diversas fontes sobre a invasão do México pelos espanhóis traz à tona uma série de alusões casuais ao envolvimento de aliados nativos. Por exemplo: ao se embrenhar nas montanhas da Guatemala, em 1524, Alvarado escreveu duas cartas a Cortés. Na primeira não se encontra qualquer menção a aliados nati-

vos; na segunda, ele cita uma única vez, entre parênteses, que sua força era composta por 250 espanhóis “e cerca de quinhentos ou seiscientos índios amigos”.⁵ Mesmo Prescott, sob tantos aspectos influenciado pelos espanhóis do século XVI em cujos relatos se baseou, reconheceu que “seria injusto com os próprios astecas, ao menos com relação às suas habilidades marciais, entender que a Conquista foi empreendida diretamente pelos hispânicos apenas”.⁶



“Chegastes a Tenochtitlán! Sede fortes, tlaxcaltecas e huejotzincanos!” Assim começa uma das canções do século XVI escritas no idioma náuatle, do México central, conhecidas como *Cantares Mexicanos* ou *Cânticos Astecas*. Trata-se de uma ambígua celebração do papel desempenhado por guerreiros de Tlaxcala e Huejotzingo no sítio e captura da capital asteca, Tenochtitlán. Nos dois primeiros cantos, esses nativos são auxiliados pelos hispânicos e suas armas na “destruição da cidade, destruição dos astecas” — os quais, no terceiro canto, conseguem uma recuperação temporária. No quarto, porém, mesmo sacrificando um prisioneiro, os astecas “estão cercados”, e, no quinto e último canto, o soberano asteca, Cuauhtémoc, é capturado e traído por Cortés.⁷

Não fica claro, portanto, qual é a inclinação do cântico. O fato histórico da vitória dos tlaxcaltecas não é evitado, por certo; no entanto, os astecas parecem reivindicar algum tipo de vitória indireta por meio da perpetuação de suas altas linhagens, tal como simbolizada pela noiva-menina de Cuauhtémoc, Dona Isabel, “que se senta ao vosso lado, Capitão-General [Cortés]” e seu filho meio espanhol. Uma vez que astecas, tlaxcaltecas e huejotzincanos eram todos nauas, a letra da música descreve a guerra como uma espécie de conflito civil ou local, entre cidades-Estados rivais dentro da mesma área étnica e lingüística. Os espanhóis desempenham papéis significativos, mas secundários, como agentes da ambição nativa cujo triunfo final não constitui um triunfo de fato; a

natureza falha e parcial de sua “vitória” é propícia a paródias justamente porque os hispânicos parecem não se dar conta de sua incompletude. Em termos simbólicos, na altura de sua aparente derrota no canto quatro, os astecas capturam e sacrificam um espanhol chamado Guzmán, “como homenagem muito apreciada para Tenochtitlán”.⁸

Essa maneira de ver a Conquista (como uma guerra civil indígena que acabaria resultando numa dominação espanhola incompleta) não só constitui uma alternativa ao ponto de vista previsivelmente hispanocêntrico dos invasores como é encontrada com facilidade nas fontes nativas. Ademais, revela uma dimensão das invasões hispânicas tão central para seu resultado que, sem ela, a Conquista não pode ser compreendida de uma forma que faça sentido. Os *Cânticos Astecas* evocam os dois aspectos dessa dimensão indígena — tanto a inserção dos espanhóis numa guerra civil nativa quanto o uso, pelos hispânicos, de aliados nativos em expedições para além da terra natal destes.

O primeiro é ilustrado de maneira mais evidente pelo envolvimento dos tlaxcaltecas. Enquanto o Império Asteca expandia-se pelo México central, entre fins do século XV e início do XVI, a pequena cidade-Estado de Tlaxcala logrou manter uma independência precária, mesmo depois de ver-se cercada de cidades subjugadas pelos astecas. Situada mais ou menos a meio caminho entre o litoral do Golfo e Tenochtitlán, Tlaxcala representava ao mesmo tempo um formidável obstáculo e uma oportunidade fundamental para a expedição liderada por Cortés em 1519. A princípio, a facção política dos tlaxcaltecas avessos aos espanhóis dominou as reações à chegada dos forasteiros, que enfrentaram uma série de embates violentos. Caso as hostilidades tivessem prosseguido, Cortés não teria tido outra saída senão retirar-se para leste e buscar uma rota ou estratégia alternativas.⁹

Contudo, a sobrevivência espanhola e a impressão causada por suas armas possibilitaram que a facção dos tlaxcaltecas favoráveis à constituição de uma aliança antiasteca com Cortés ganhasse força. Como acertadamente julgaram esses indígenas, com o auxílio dos espanhóis eles conseguiriam destruir o império asteca e sua capital (ver Figura 7). Nas

palavras perspicazes de Prescott: “O primeiro confronto terrível dos espanhóis com os tlascalanos, que quase lhes acarretara a ruína, acabaria na verdade garantindo seu sucesso, assegurando-lhes um apoio nativo consistente a que recorrer nos momentos difíceis e em torno do qual reunir as raças aparentadas da terra para um grande assalto definitivo.” Não temos como saber ao certo de quantos aliados nativos Cortés dispunha; por qualquer estimativa, porém, perfaziam um número muitas vezes maior que o de espanhóis. Gómara declara que Cortés chegou a Tenochtitlán pela primeira vez com seis mil desses aliados. De acordo com Ross Hassig, proeminente historiador da Conquista, o cerco e a investida finais contra a capital asteca foram empreendidos com duzentos mil aliados nativos, “muito embora estes não tenham tido praticamente nenhum reconhecimento nem, por certo, recompensa”.¹⁰

Não admira que Cortés afirmasse que a participação dos tlaxcaltecas foi fruto de uma estratégia de sua própria autoria. Ao perceber a animosidade entre tlaxcaltecas e astecas, Cortés vislumbrou “a oportunidade de subjugá-los mais rapidamente, pois, como diz o provérbio, ‘divididos cairão’”.¹¹ Historiadores das mais diversas estirpes, até hoje, adotaram o discurso de Cortés. O semiótico Tzvetan Todorov, por exemplo, descreve tal estratégia de dividir para conquistar como uma “iniciativa” que os espanhóis “levaram a muito bom termo”.¹² A questão, claro, não é que Cortés não tenha tentado tirar proveito das rivalidades e divisões nativas (pois é óbvio que foi o que fez), mas que sua empreitada seja situada no contexto adequado.

São dois os contextos particularmente importantes. Um é o da política nativa. Tlaxcaltecas e outros nauas e mesoamericanos nativos empenhavam-se tanto quanto Cortés — e não raro com igual êxito — por explorar a situação, visando a objetivos políticos imediatos. Os huejotzincanos, vizinhos de Tlaxcala, resistiram longamente à incorporação pelo Império Asteca e também auxiliaram os espanhóis na Conquista. Mais tarde, chegariam a escrever para o monarca hispânico que nunca se haviam oposto aos espanhóis e que tinham sido me-

lhores aliados que os tlaxcaltecas, que “em diversas ocasiões fugiram, e com freqüência lutaram mal”. Em contrapartida, asseveraram, “ajudamos não só na guerra, mas também lhes demos [aos espanhóis] tudo de que necessitavam”.¹³ Em outras palavras, os huejotzincanos não foram instrumentos passivos da estratégia de Cortés; pelo contrário, procuraram aproveitar a presença hispânica para promover seus próprios interesses e combater adversários, primeiro contra os astecas e, posteriormente, contra os tlaxcaltecas.

O outro contexto é o das iniciativas espanholas em outros lugares. A busca de aliados nativos era um dos procedimentos ou rotinas corriqueiros das atividades espanholas de conquista nas Américas. Pedro de Alvarado explorou as montanhas da Guatemala, em 1524, não só acompanhado de milhares de aliados nauas mas também na esperança de conseguir beneficiar-se de uma rivalidade similar à existente entre astecas e tlaxcaltecas: os dois principais grupos maias da região, cakchiquel e quichés, haviam enviado embaixadores para a Cidade do México um ou dois anos antes. Em consequência, por todo o restante da década, as montanhas foram assoladas por uma guerra civil brutal — na qual os espanhóis jogaram esses grupos tanto um contra o outro quanto contra grupos maia menores, de tempos em tempos voltando-se com violência também contra seus próprios “aliados” indígenas.¹⁴ Já os espanhóis liderados pelos Montejos tentaram desesperadamente compreender a política regional em Yucatán a fim de aproveitar ou estabelecer divisão semelhante, mas acabaram forçados a forjar uma sucessão de alianças com freqüência precárias com dinastias locais, como os Pech e os Xiu. Como essas famílias da nobreza maia controlavam porções relativamente pequenas de Yucatán, os espanhóis jamais chegaram a adquirir controle sobre a península como um todo.¹⁵

O exemplo mais óbvio de como os espanhóis buscavam aliados nativos, procuravam detectar divisões entre os indígenas e delas tiravam imenso proveito é o conflito civil inca. Como a varíola disseminou-se pela América do Sul mais rápido que os europeus, a doença precedera Pizarro nos Andes, matando o governante inca Huayna Capac e seu

herdeiro antes de os espanhóis adentrarem seu império. Dois irmãos, Atahuallpa e Huascar, assumiram então o controle das metades norte e sul do império, respectivamente, numa paz frágil que em apenas dois anos degeneraria numa guerra civil. Se Pizarro tivesse chegado ao norte do Peru alguns meses depois, muito provavelmente teria encontrado um Império Inca unificado sob Atahuallpa. Todavia, Pizarro por acaso acertou o momento exato, o que lhe permitiu insinuar-se no conflito. Mesmo prisioneiro do espanhol, Atahuallpa tentou usar o cativeiro a seu favor, lançando os espanhóis contra seu irmão Huascar; as alianças e traições proliferaram, e ambos os governantes incas logo pereceram.¹⁶

Seu sucessor, Manco Inca, que não deveria passar de um fantoche dos conquistadores, não demorou a se insurgir. Não obstante, os quatro anos de desunião dos incas, durante a invasão de Pizarro e Almagro, haviam assegurado aos espanhóis um fluxo de aliados nativos suficiente para possibilitar sua sobrevivência na região. O grande sítio de Cuzco por Manco, em 1536, provavelmente teria redundado na eliminação das forças de Pizarro, não fosse por seus aliados andinos. Estes, que a princípio não somavam mais que mil, passariam dos quatro mil durante o cerco, quando dois dos irmãos de Manco, entre outros nobres da mesma facção inca, bandearam-se para o lado de Pizarro. Foram esses aliados que salvaram os invasores da inanição, resgataram indivíduos hispânicos, agiram como espiões e lutaram ao lado da cavalaria espanhola em incursões contra os sitiantes.¹⁷ Sua assistência propiciou a sobrevivência de Pizarro e sua companhia até a chegada da força de resgate de Almagro. Dessa forma, o apoio nativo não só salvou Pizarro em 1536 como também permitiu aos espanhóis sobreviverem por tempo suficiente para se estabelecerem em definitivo nos Andes e darem início à implantação de colônias.

Assim como as conquistas andinas disseminaram-se a partir de centros do antigo Império Inca para as regiões sul e norte da América do Sul, os guerreiros e servos nativos revelaram-se igualmente inestimáveis. O deslocamento de aliados indígenas de uma zona de conquista para a seguinte foi uma prática instituída desde os primórdios das atividades espanholas nas Américas. Os ilhéus caribenhos, habituados a

passar de uma ilha para outra como pessoal de apoio em expedições de conquista, acabaram levados para o continente nas campanhas do Panamá e do México; assim, por exemplo, Cortés trazia consigo duzentos cubanos nativos ao penetrar no México em 1519.¹⁸

Quando os espanhóis comandados por Cortés deixaram o litoral do Golfo rumo ao México central, não só estavam acompanhados de guerreiros e carregadores cempoalanos como mais tarde tlaxcaltecas, huejotzincanos e outros viriam a integrar uma vasta força de apoio que superaria de longe o número de espanhóis. Os huejotzincanos continuaram lutando ao lado dos espanhóis e prestando-lhes outros serviços à medida que a Conquista se estendia, nas décadas de 1520 e 1530. Como informariam os governantes de Huejotzingo ao monarca espanhol, em 1560:

Nunca os deixamos nem abandonamos, e, à medida que avançavam e foram conquistando Michoacán, Jalisco e Colhuacán, bem como em Panuco, Oaxaca, Tehuantepec e na Guatemala, fomos os únicos que os acompanharam enquanto eles conquistavam e guerreavam aqui na Nova Espanha até a consolidação de seu domínio; jamais os abandonamos e em nenhum sentido refreamos seu ímpeto bélico, ainda que alguns de nós fossem por este destruídos.¹⁹

Na realidade, os huejotzincanos não foram os únicos nauas a lutar em outras regiões do que se tornaria a Nova Espanha. Montejo levou centenas de guerreiros de Azcapotzalco, no Vale do México, para Yucatán. Um relato maia sobre a invasão hispânica contém um comentário revelador acerca do uso dos indígenas como força de vanguarda. Após uma sucessão de embates militares na região, os espanhóis entraram na importante cidade de Calkini, em 1541, a fim de aceitar a submissão nominal dos governantes maias locais — os quais, ao descreverem o ritual, salientam que os nauas (chamados pelos maias de culhuas por causa de Culhuacán, cidade que outrora dominara o Vale do México) haviam chegado primeiro. A narrativa maia destaca ainda que o líder dos culhuas fora batizado Gonzalo, que suas forças levavam consigo

uma vara de porcos (animal introduzido pelos espanhóis) e que eram eles que coletavam o tributo de bens oferecidos aos hispânicos.²⁰

Não há o menor indício de solidariedade racial entre nauas e maias nesse relato, nem se deveria esperar esse tipo de identificação; afinal, embora os espanhóis reunissem todos os grupos nativos sob a alcunha de “índios”, para os maias de Calkini os culhuas eram tão estrangeiros quanto os hispânicos. Tratava-se de invasores a serem expulsos ou absorvidos, conforme as circunstâncias, do mesmo modo como teria ocorrido caso houvessem chegado sozinhos a Yucatán, como parte da expansão imperial asteca que não chegou a ocorrer na região — mas que talvez acontecesse, se os espanhóis não tivessem aparecido.

Tampouco havia qualquer senso de solidariedade étnica maia no século XVI. Os maias da região de Calkini e outras partes de Yucatán acabariam acompanhando os espanhóis em suas jornadas por regiões inconquistadas da península como carregadores, soldados e auxiliares de todo tipo. Havia companhias de arqueiros em prontidão permanente nas cidades maias de Tekax e Oxkutzcab, convocadas com regularidade a guarnecer ou ajudar em investidas contra as regiões inexpugnadas ao sul da colônia de Yucatán. Na década de 1690, os maias de mais de uma dezena de cidades iucatanas — organizados em regimentos comandados por seus próprios oficiais e armados com mosquetes, machados, machetes e arcos e flechas — combatiam outros maias em apoio às iniciativas espanholas de Conquista na região de Petén, atual norte da Guatemala.²¹

Idealmente, esses auxiliares eram mais ou menos voluntários (ou seja, não eram escravos) e bastante numerosos, como no caso dos “culhuas” de Montejo em Yucatán. Entretanto, os grupos nativos que não tinham o costume de prestar tributo ou agenciar mão-de-obra para os senhores, como os povos seminômades do Caribe e sul da América Central, resistiam a tais esquemas — ao que a resposta hispânica era a escravidão. Todavia, a escravização dos americanos nativos não tardaria a ser banida pela Coroa espanhola, em cujo entender tal cativeiro contribuía para a extinção da maioria dos grupos indígenas e era tanto re-

dundante perante a escravidão africana quanto desnecessário entre as sociedades sedentárias do continente (onde já havia sistemas organizados de trabalho). Nas primeiras décadas da Conquista, porém, os nativos com freqüência acompanhavam os espanhóis como escravos em expedições noutras regiões — sobretudo o Caribe, mas não apenas lá. Escravos indígenas da Nicarágua tomaram parte da Conquista do Peru, por exemplo. Lutaram e prestaram outros serviços, ao lado de outros nativos e africanos, tanto escravos quanto servos livres. Os nativos tendiam a superar em número os africanos, uma vez que estes, em sua maioria, eram escravos caros, comprados de comerciantes transatlânticos. Enquanto os homens lutavam e transportavam as provisões, havia também nativas que cozinhavam e serviam de companhias femininas e amantes para os espanhóis, davam à luz filhos dos europeus e estabeleciam-se com eles como servas, em suas novas residências coloniais.

Os fatos de que os espanhóis esperavam contar com vários auxiliares nativos ou negros e de que se considerava uma grande adversidade ter de passar sem eles apenas evidenciam a importância de seu papel na Conquista. “Dois anos é tempo mais que suficiente para começar a mendigar, se o sujeito não dispuser de servos”, escreveu um conquistador — um membro da companhia de Pizarro que quase morreu de inanição na ilha de Gallo, na costa equatoriana, enquanto aguardava reforços e mantimentos. “Vou precisar [de alguém] para a prática do meu ofício, além de um criado para me servir”, comentou com o irmão, “ou seja, um negro ou um bom casal de índios, porque, se eu for comprá-los aqui, me custarão muito dinheiro”.²²

Seja na figura de pelotões de guerreiros huejotzincanos ajudando a deitar abaixo o Império Asteca, de um naua de Azcapotzalco comandando seus homens na investida contra uma aldeia maia ou de uma escrava nativa da Nicarágua servindo um conquistador no Peru, os povos indígenas aparecem ao lado dos espanhóis por toda parte na Conquista. Uma ilustração simbólica de sua onipresença pode ser encontrada nos primeiros festivais de celebração da conquista realizados no México. O primeiro ocorreu em Coatzacoalcos, no litoral do Gol-

fo, no final de 1524. A ocasião foi a entrada, na cidade, da expedição encabeçada por Cortés a caminho de Honduras, e o festival foi uma acolhida sob a forma de (nas palavras de Bernal Díaz) “arcos triunfais, [simulações de] emboscadas de cristãos e mouros e outros excelentes entretenimentos e jogos teatralizados”. Como comemoração antecipada da vitória de Cortés em Honduras, o festival foi repleto de ironia, já que não só quase todos os celebrantes eram nativos como, na realidade, Cortés estava conduzindo um exército majoritariamente nativo contra um grupo de espanhóis rebeldes comandados por um de seus antigos capitães, Cristóbal de Olid.

O retorno de Cortés à Cidade do México, em 1526, ocasionou o segundo dos festivais desse gênero de que temos notícia. Mais uma vez, as danças, jogos e batalhas simuladas eram estrelados por nativos, que supostamente comemoravam os triunfos hispânicos mas, muito claramente, representavam também seus próprios papéis complexos na Conquista incompleta. Como observa Díaz secamente, durante o festival o lago que ainda cercava a Cidade do México ficou “apinhado de canoas com guerreiros índios, do mesmo modo como costumavam nos combater nos tempos de Guatemuz [Cuauhtémoc]”.²³



Os festivais de conquista e reconquista revelam não só os papéis desempenhados pelos combatentes nativos de ambos os lados das guerras de Conquista, como também de outros participantes ignorados com freqüência — como os africanos. Por exemplo, a apresentação da “Conquista de Rodes” foi encenada na Cidade do México em 1539, em resposta à notícia de uma trégua antiotomana assinada no ano anterior pelos monarcas francês e espanhol. O espetáculo — um evento primoroso, cujos vastos cenários foram construídos por “mais de cinqüenta mil trabalhadores” (africanos e indígenas da região), segundo Bernal Díaz — previa vitórias mediterrâneas iminentes (que não passaram de um desejo otimista), mas retratava também acontecimentos históricos

locais. Milhares de nauas nativos, e possivelmente outros mesoamericanos, representaram atacantes e defensores durante o sítio de Rodes, com “Cortés” como líder das forças cristãs.

Para a platéia espanhola essa foi a apresentação principal, mas o público e os participantes negros e nativos devem ter considerado igualmente significativa a peça que precedeu o cerco. Nesse espetáculo de abertura, três florestas artificiais foram munidas de animais de verdade, “caçados” então por bandos de guerreiros indígenas. Os atores nativos representavam tanto o folclore medieval europeu dos “selvagens” quanto a tradição mesoamericana que justapunha os “civilizados” nauas do México Central aos mesoamericanos “bárbaros” (chichimecas e outros das fronteiras do império asteca e, mais tarde, da Nova Espanha). A caçada logo tornou-se um embate entre os dois grupos, conflito que foi se complicando até ser resolvido pela chegada de uma cavalaria de “mais de cinqüenta negros e negras” (Díaz, outra vez), liderados por um rei e uma rainha negros.

A presença e o papel dos africanos ficaram, sem dúvida, abertos a diferentes interpretações pelas diversas populações da Cidade do México de então. Para os espanhóis, a participação de africanos e nativos assinalava a redução, pela Conquista, de todos os não-hispânicos a agentes armados do colonialismo ou meros coadjuvantes nos conflitos militares. Para os nativos, o papel dos negros era agriado: ao mesmo tempo em que recordava a participação militar africana na invasão espanhola, parodiava essa mesma invasão ao representá-la como integralmente negra — monarquia incluída. Para os africanos, a entrada a cavalo em cena deve ter constituído uma briosa celebração de suas proezas marciais, de um *status* de conquistadores ao qual tão raramente se concedia reconhecimento público. Todos os presentes também devem ter se lembrado de que, apenas um ano e meio antes, no outono de 1537, um número desconhecido dos dez mil africanos já residentes na Cidade do México supostamente havia tramado uma revolta de escravos e coroado um rei negro rebelde. Esse monarca escravo, junto com outros líderes negros, acabara sendo executado em praça pública

— e certamente ressuscitou, na lembrança dos negros da cidade, sob a forma do rei africano do festival.²⁴

Qualquer que fosse sua identidade ou perspectiva, nenhum dos habitantes da Cidade do México em 1539 teria considerado incongruente a presença dos negros no festival da conquista daquele ano. Para todos, era ponto pacífico que também os africanos haviam tomado parte da Conquista real. Com efeito, eles eram ubíquos, não só na Conquista do México como em toda a invasão e colonização das Américas pelos espanhóis de modo geral. Visto que esses africanos chegavam, em sua maioria, como escravos (e dado o seu *status* inferior na visão de mundo castelhana, cada vez mais etnocêntrica), o papel central e difundido dos negros era com freqüência ignorado pelos espanhóis que escreviam sobre a Conquista. Como ocorreu com tantos outros aspectos da Conquista durante seu processo de transformação numa colagem de mitos, os historiadores subsequentes, entre outros, fariam apenas consolidar tal marginalização. Desse modo, os indícios do envolvimento dos negros são fragmentados e, não raro, opacos; não obstante, reunidas as peças, sua participação é incontestável.

Entre as evidências que podem ser pinçadas, temos a história da vida de um conquistador negro ao que tudo indica extraordinário, Juan Valiente.²⁵ Mesmo não dispondo de informações diretas sobre a juventude de Valiente, é quase certo que tenha nascido na África Ocidental por volta de 1505, tendo sido vendido a comerciantes portugueses no litoral do continente, ainda muito jovem, por traficantes africanos de escravos. Ingressou assim na grande onda de pessoas e provisões que afluiu para o México no rastro da invasão hispânica e da queda do Império Asteca. Depois de ser adquirido por um espanhol chamado Alonso Valiente, o jovem africano foi batizado e levado para a casa de seu novo senhor, na recém-fundada cidade de Puebla, em torno de 1530. Não admira que Juan Valiente se tenha mostrado infatigável em sua posição de servo doméstico escravo. Não sabemos se adotou uma série de estratégias para alargar os limites de sua servidão; mas o fato é que, em 1533, ele logrou convencer seu proprietário a deixá-lo partir em busca de oportunidades como conquistador por um

período de quatro anos, “desde que mantivesse um registro [de seu lucro] e o trouxesse todo de volta para mim [seu dono]”. O africano levaria consigo, todo o tempo, um registro autenticado de tal acordo, a fim de evitar ser preso como escravo em fuga.

Valiente chegou à Guatemala a tempo de ingressar na expedição de Pedro de Alvarado rumo ao Peru. A vasta companhia de Alvarado, composta por espanhóis, nativos e africanos, foi interceptada no norte do Peru por Diego de Almagro — então ainda sócio de Pizarro, em 1534 —, que subornou Alvarado; os que o haviam seguido, entretanto, tinham a alternativa de juntar-se a Almagro. Valiente optou por trocar de companhia, e em 1535 estava lutando no Chile com Almagro. Os índices de mortalidade eram altos na Conquista, mas os que sobreviviam em geral viam suas fortunas darem saltos estratosféricos. Foi o caso de Valiente — apesar de, tecnicamente, não passar de um escravo. Em 1540 ele estava de novo (ou ainda) no Chile, mas agora como capitão, cavaleiro e sócio oficial da tropa de Juan de Valdivia. As investidas contínuas contra os araucâniros nativos do Chile, no decorrer da década de 1540, proporcionaram-lhe novas recompensas: uma propriedade nas proximidades de Santiago — cidade que ajudou Valdivia a fundar, em 1546 — e, quatro anos depois, uma *encomienda*, isto é, uma concessão de um grupo de nativos que lhe pagariam tributos. Nesse interim, Valiente desposara uma certa Juana de Valdivia, talvez uma serva nativa, mas mais provavelmente uma ex-escrava africana do governador.²⁶

Ao longo dessas décadas, o proprietário do conquistador, Alonso Valiente (que continuava a mais de seis mil quilômetros dali, na cidade mexicana de Puebla), ainda não desistira de seu investimento. Embora a permissão de viagem de Juan Valiente determinasse que ele deveria retornar para entregar os despojos da conquista ao seu senhor ao fim de quatro anos, uma versão atualizada lhe foi remetida quando expirou o contrato original. O mais provável é que o documento jamais tenha chegado às mãos do escravo, já que mais quatro anos se passariam sem que Alonso recebesse notícias de Valiente — fosse enviadas pelo próprio, fosse por terceiros. Só em 1541, ele se decidiu a enviar seu sobrinho numa caçada às cegas atrás do escravo, a fim de trazê-lo de volta ou negociar um bom

preço por sua emancipação.²⁷ Curiosamente, Valiente tampouco se esquecera do acordo com Alonso. A despeito de todo o seu êxito como conquistador e da possibilidade de levar uma vida de homem livre no Chile, seu *status* técnico de escravo ainda o estorvava o suficiente para que, em 1550, ele contratasse um funcionário da Coroa para comprar-lhe a liberdade legal em Lima ou Puebla. O tal funcionário, entretanto, evadiu-se com os fundos para a Espanha. Cinco anos depois, Alonso Valiente finalmente tomou conhecimento da carreira de seu escravo, empreendendo então nova tentativa de recuperar algum retorno sobre seu investimento. Àquela altura, porém, o conquistador e *encomendero* negro já fora morto pelos araucânicos, na batalha de Tucapel, em 1553.



A vida de Juan Valiente sem dúvida parece extraordinária — matéria, mesmo, de ficção. Contudo, em todos os seus aspectos pode ser relacionada aos padrões mais amplos tanto da atividade dos conquistadores hispânicos quanto da experiência africana nos primeiros tempos da América espanhola. Sua história de negro oriundo da África Ocidental e levado contra a sua vontade para as Américas no século XVI nada tinha de singular. O tráfico de africanos do oeste do continente, que fazia parte, havia séculos, das atividades comerciais transafricanas, foi crescendo em importância, em fins do século XV, como parte da nova economia atlântica. O Descobrimento provocaria uma guinada no tráfico de escravos, nele promovendo uma considerável ampliação. Destarte, ao longo dos quatro séculos encerrados em 1850 cerca de 12 milhões de homens e mulheres das Áfricas Ocidental e Central foram embarcados em navios negreiros com destino ao outro lado do Atlântico. Conquanto portugueses e, mais tarde, britânicos dominassem esse comércio, os castelhanos já estavam envolvidos desde pelo menos o século XV. Os primeiros negros africanos provavelmente chegaram às Américas em 1502; em 1510, o monarca espanhol autorizou a primeira leva de escravos em larga escala: 250, destinados para Hispaniola.

No fim do século, cerca de cem mil africanos já haviam sido mandados para as colônias hispano-americanas.²⁸

O objetivo óbvio do tráfico negreiro do Atlântico era atender à demanda de mão-de-obra, e a mais infame de todas as atividades dos escravos no Novo Mundo era a de lavradores nas plantações. Muito embora os hispânicos de fato estabelecessem plantações de cana-de-açúcar, entre outras, cultivadas por escravos africanos, suas colônias eram erigidas basicamente em áreas de densa população nativa, de cuja mão-de-obra dependiam. Desse modo, os escravos negros dos colonos espanhóis tendiam a trabalhar mais como auxiliares pessoais — na qualidade de serviços domésticos, assistentes em empreendimentos comerciais, símbolos de *status* social —, assim como, na Conquista, eram auxiliares pessoais de determinados conquistadores espanhóis. Esses servos, armados por necessidade, em geral conquistavam a liberdade ao lutarem e sobreviverem, tornando-se assim conquistadores autônomos.

Juan Valiente chegou ao Novo Mundo demasiado tarde para ser incluído nesse padrão no Caribe e México, mas os primeiros espanhóis tinham a seu lado outros africanos. Juan Garrido, por exemplo, nascido na África ocidental por volta de 1480, encontrava-se em Lisboa e Sevilha em fins dos anos de 1490 e chegou ao Caribe em 1502 ou 1503 (ver Tabela 2). Mais tarde, afirmaria ter cruzado o Atlântico como homem livre, embora seja mais provável que tenha adquirido a liberdade no Caribe. Entre 1508 e 1519, lutou nas Conquistas de Porto Rico e Cuba, em assaltos a outras ilhas e no Descobrimento da Flórida. Ainda em 1502, o governador de Hispaniola, Nicolás de Ovando, mandara trazer africanos para atuarem como auxiliares na conquista; todavia, quando estes fizeram o inverso e juntaram-se à resistência nativa na ilha, ele vetou toda e qualquer nova importação de escravos negros. A proibição não surtiu maiores efeitos; os espanhóis levavam nas expedições tantos africanos quanto suas condições financeiras lhes permitiam.²⁹ Garrido não foi, de modo algum, o único conquistador negro a acompanhar Ponce de León em Porto Rico, como tampouco foi o único a invadir Cuba com Diego Velázquez — que, em 1515, escreveu ao rei que “inúmeros escravos negros” haviam tomado parte da Conquista da ilha.³⁰

Tabela 2
A Vida de Juan Garrido, Conquistador Negro

c. 1480?	Nasce na África Ocidental e, provavelmente, é vendido como escravo para traficantes portugueses
c. 1495?	Torna-se cristão em Lisboa; mais tarde, muda-se para Sevilha (pode ter ganhado a liberdade em Lisboa ou Sevilha)
c. 1503	Cruza o Atlântico até Santo Domingo, provavelmente como servo ou escravo de um espanhol chamado Pedro Garrido
1508-19	Participa das Conquistas de Porto Rico e Cuba, das supostas Conquistas de Guadalupe e Dominicana, e do Descobrimento da Flórida; sua residência oficial é Porto Rico
1519-21	Membro da expedição de Conquista que penetra no México Central, provavelmente como servo de Pedro Garrido e, mais tarde, Hernán Cortés (ou, com menor probabilidade, nas comitivas de Juan Núñez Sedeño [1519] ou Pánfilo de Narváez [1520])
1521	Constrói uma capela comemorativa na estrada de Tacuba, próximo ao local em que os espanhóis e seus aliados sofreram pesadas perdas em 1520
1521-23	Reside, próximo à capela, nas cercanias da Cidade do México; planta os três primeiros grãos de trigo semeados na Nova Espanha
1523-24	Membro da expedição de Antonio de Caravajal a Michoacán e Zacatula
1524-28	Reside na Cidade do México; em 10 de fevereiro de 1525, recebe o terreno de uma casa dentro da cidade reconstruída; entre 1524-26 ocupa o cargo de porteiro (<i>portero</i>) e, durante algum tempo, também o de pregoeiro (<i>pregonero</i>) e guardião do aqueduto de Chapultepec
1528	Encabeça uma expedição de mineração de ouro, incluindo uma turma de escravos negros, para Zacatula
1528-33	Reside na Cidade do México
c. 1533-36	Membro da expedição de Cortés para a Baixa Califórnia, encarregado e co-proprietário de um pelotão de escravos negros e nativos, para atividades de mineração
1536-c. 47	Reside na Cidade do México, onde vem a falecer; deixa esposa e três filhos (um dos quais talvez fosse o Juan Garrido residente em Cuernavaca em 1552)

Fontes: AGI, México 204, fs. 1-9; Icaza, *Diccionario*, 1923, I: 98; Gerhard, "A Black Conquistador", 1978; Alegria, *Juan Garrido*, 1990; Altman, "Spanish Society", 1991: 439.

Nota: Uma versão dessa tabela foi publicada pela primeira vez em Restall, "Black Conquistadors", 2000: 177.

Em diversos sentidos, Valiente e Garrido eram típicos representantes dos conquistadores negros. Ao que tudo indica, ambos eram africanos de nascimento. Só uma minoria dos negros participantes da Conquista havia nascido na Espanha ou em Portugal (exemplos são Juan García e Miguel Ruiz — ver Tabelas 3 e 4), e só muito mais à frente na Conquista surgiram soldados negros originários da própria América. Ambos adquiriram a liberdade em virtude de suas experiências militares — Garrido, pelos meios legais, e Valiente, concretizando-a na prática (e só deixando de receber sua confirmação legal em decorrência das dificuldades da comunicação de longa distância na América espanhola do século XVI). Os dois tinham cerca de 28 anos de idade quando deram início às suas carreiras de conquistadores, e talvez já estivessem mais perto dos 30 quando efetivamente lutaram no Novo Mundo pela primeira vez. Embora os conquistadores hispânicos estivessem, em média, no fim da casa dos 20 anos, seus pares negros tendiam a ser alguns anos mais velhos, provavelmente porque seria difícil que os espanhóis confiassem atribuições que exigissem o uso de armas a africanos mais jovens e menos hispanizados. Estes, com maior probabilidade, seriam obrigados a arriscar seus pescos como "escudos humanos". Por fim, ambos chamavam-se Juan, o nome cristão de mais da metade dos conquistadores negros de que se tem registro, o que comprova a falta de imaginação dos espanhóis no batismo de seus escravos.³¹

A diferença primordial entre Valiente e Garrido foi basicamente o momento de sua chegada no Novo Mundo. O fato de Garrido haver chegado antes implicou em sua participação nas principais conquistas caribenhas e mexicanas. Uma geração mais tarde, Valiente alcançou o México e o Peru logo após as fases iniciais da conquista, o que acabou levando-o a lutar em regiões mais periféricas.

Em 1519, Juan Garrido ingressou na expedição de Cortés ao continente, e, na década de 1520, foi um dos residentes fundadores da Cidade do México. Garrido posteriormente escreveria ao rei ter sido

“o primeiro a ter a inspiração de semear trigo aqui em Nova Espanha e ver se medraria; fi-lo e experimentei-o às minhas próprias custas”.³² Atribui-se a um africano no México, outrossim, a introdução da varíola no continente. Francisco de Eguía, um dos escravos negros da expedição de Narváez de 1520, supostamente pereceu em virtude da doença logo após desembarcar no litoral mexicano.³³

Ao contrário de expedições posteriores, os africanos não tomaram parte da Conquista de México às centenas porque, conforme observou Bernal Díaz, “naquela época negros e cavalos valiam seu peso em ouro”.³⁴ Não obstante, Garrido e Eguía provavelmente figuravam entre as dezenas de negros a acompanharem os espanhóis que invadiram o Império Asteca. Um deles era Juan Cortés, escravo que recebera o nome do dono. Juan Sedeño também possuía seu próprio servo africano. Os irmãos Ramírez, que mais tarde seguiriam Alvarado à Guatemala, levaram ao México um cavalo e um escravo negro cada um.³⁵ Tanto fontes espanholas quanto nativas fazem referência à presença negra, ainda que não forneçam detalhes específicos. O cronista dominicano Diego Durán, por exemplo, menciona diversos “servos e negros”, ao passo que o relato nativo compilado por Sahagún (conhecido entre nós como Códice Florentino) observa apenas que, com os espanhóis, “vieram alguns negros, de cabelo escuro, crespo e lanoso”.³⁶ Duas das ilustrações da narrativa de Durán retratam um negro ao lado de Cortés (ver Figura 8).³⁷ Esses desenhos provavelmente não pretendem representar indivíduos determinados, mas sim a presença de vários servos e escravos negros na expedição — todos os quais lutariam e, sobrevivendo, surgiriam como conquistadores veteranos, tal qual Garrido.

Como primeira grande conquista no continente, a Conquista do México ajudou a inspirar e financiar uma onda de expedições hispânicas pelas Américas. Em todas figuravam servos e escravos africanos — muitos dos quais, como Juan Garrido e Juan Valiente, tornaram-se conquistadores ou continuaram a lutar como tal (ver Tabela 3). Tais

campanhas podem ser divididas em dois grupos: o primeiro, parte da ramificação ou sistema de revezamento de conquista irradiado a partir do México central; o segundo, parte da cadeia de conquistas que adentrou na América do Sul.

Ilustrativa do primeiro ramo — que se estendia para o norte do México e para o sul da Mesoamérica, até Honduras — é a experiência de exploração e conquista contínuas de Garrido na Nova Espanha após a queda de Tenochtitlán. Ele participou de expedições às áreas de Michoacán e Zacatula, no México, na década de 1520, e à Baixa Califórnia, com Cortés, nos anos de 1530. Nesse época, os negros envolvidos nessas jornadas já haviam começado a ser contados às centenas, às vezes superando em número os membros espanhóis dessas companhias; o próprio Cortés levou mais de trezentos deles para a Baixa Califórnia.³⁸

Enquanto Garrido de tempos em tempos deixava o México central rumo ao norte, Valiente preferiu seguir para a Guatemala, ao sul. Em 1524, Alvarado levava africanos para as montanhas maias — e eles continuaram chegando num fluxo ininterrupto nos anos que se seguiram, escravos em sua maioria, muitos para juntar-se à considerável subclasse negra que habitava a capital guatemalteca, alguns em busca de oportunidades de Conquista, como Valiente.³⁹ Em 1533, o assunto em voga nas colônias era o Peru; por outro lado, a tão propalada expedição de Montejo a Yucatán estava em ruínas. Tivesse sido outro o momento e o destino das descobertas hispânicas, ou se Valiente houvesse chegado à Guatemala antes do descobrimento do Peru, ou até 1540, talvez julgassem melhor ir a Yucatán. Ali, teria se deparado com dezenas de africanos nas primeiras campanhas de Montejo — talvez mais de cem deles na invasão final, nos anos de 1540. Aí se incluíam um africano batizado de Sebastián Toral, que conquistou a liberdade por seus próprios esforços e constituiu família, tendo sido um dos primeiros habitantes da capital colonial iuáteque de Mérida — cujas

populações negra e hispânica praticamente se igualavam em número por volta de 1550.⁴⁰

Quando Juan Valiente ingressou na vasta mas efêmera expedição de Alvarado ao Peru em 1534, viajou com outros duzentos escravos e servos africanos, além de um pequeno número de voluntários negros como ele próprio. Ao optar por permanecer na América do Sul, o que ele fez foi saltar de um ramo de conquista para o outro. Essa segunda cadeia principiara no Caribe e áreas mais ao sul da América Central na década de 1510 (ver Tabela 3),⁴¹ estendendo-se e espalhando-se pelo Peru nos anos de 1530 e prosseguindo pelas margens da América do Sul — tal como exemplificado pela carreira de Valiente no Chile entre finais da década de 1530 e princípios da de 1550.

Os deslocamentos e motivações de Juan Valiente, portanto, nada tiveram de extraordinário no contexto da diáspora africana ocorrida dentro da expansão espanhola do século XVI — tanto no que diz respeito ao período de sua vida passado na América do Sul quanto aos seus primeiros anos nas Américas. Assim como Garrido não foi o único conquistador negro do México, tampouco foi Valiente o único africano no Peru e no Chile nos anos de 1530. Havia dois negros na companhia de Pizarro em Cajamarca, Juan García e Miguel Ruiz, cujas respectivas biografias só podem ser reconstituídas com poucos detalhes (ver Tabelas 3 e 4). Todavia, ambos eram mulatos livres, que se haviam juntado por livre e espontânea vontade à expedição. Havia outros negros, em sua maioria escravos nascidos na África e em número desconhecido, que acompanharam essa e outras expedições subseqüentes aos Andes. Na verdade, a única baixa no lado espanhol durante a captura de Atahualpa foi um escravo negro pertencente a Jerónimo de Aliaga.⁴²

Tabela 3
Padrões de Vida de Alguns Conquistadores Negros

Nome	Local de nascimento e status	Locais de atividades de conquista	Recompensa pela participação nos combates
Juan Garrido	África ou Portugal, escravo negro	México, Zacatula e Baixa Califórnia	Emancipação; uma série de cargos menores; casa na Cidade do México
Sebastián Toral	África(?), escravo negro	Yucatán	Emancipação; isenção tributária
Pedro Fulupo	África(?), escravo negro	Costa Rica	Desconhecido
Juan Bardales	África, escravo negro	Honduras e Panamá	Emancipação; pensão de 50 pesos
Antonio Pérez	Norte da África, negro livre	Venezuela	Cavaleiro; nomeado capitão
Juan Portugués	África ou Portugal, negro	Venezuela	Desconhecido
Juan García	Espanha, mulato livre	Peru	Cota de ouro e prata que coube aos pés em Cajamarca; cota em Cuzco
Miguel Ruiz	Espanha, mulato livre	Peru	Cota de ouro e prata que coube aos cavaleiros em Cajamarca; cota póstuma em Cuzco
Juan Valiente	África(?), escravo negro	Peru, Chile	Tratado como livre; cavaleiro; nomeado capitão; uma propriedade e uma <i>encomienda</i>
Juan Beltrán	América espanhola, mulato livre (nativo negro)		Confirmado como capitão de forte em mulato livre (nativo negro) Villarica; uma <i>encomienda</i>

Fontes: AGI, México 204, fs. 1-9; Icaza, *Diccionario*, 1923, I: 98; Gerhard, "A Black Conquistador", 1978; Alegria, *Juan Garrido*, 1990; AGI, México 2999, 2, f. 180; Meléndez e Duncan, *El Negro*, 1972: 25; Herrera, "People of Santiago", 1997: 254; Oviedo y Baños, *Historia*, 1967 [1723]: 347, 390, 394, 438-39; Cieza de León, *Peru*, 1998 [1550]: 243; Lockhart, *Cajamarca*, 1972: 6-15, 380-84, 421-22; Boyd-Bowman, "Negro Slaves", 1969: 150-51; Sater, "Black Experience", 1974: 16-17; Vásquez de Espinosa, *Compendium*, 1942 [1620]: 743-44. Nota: Uma versão dessa tabela foi publicada originalmente em Restall, "Black Conquistadors", 2000: 174.

O relato da Conquista de autoria de Pedro de Cieza de León, jovem espanhol que passou 15 anos (1535-50) como conquistador-cronista na América do Sul, é representativo de como as fontes hispânicas ao mesmo tempo ignoram e revelam a participação negra. Cieza de León jamais fornece o número total de negros em nenhuma companhia, nem cita o nome de nenhum dos africanos que lutaram ou viajaram consigo, mas em 19 ocasiões menciona sua presença. Treze dessas referências são a negros nas expedições peruanas; seis, nas chilenas; sete são a africanos que morreram de fome ou frio no norte dos Andes ou Chile. Valiente decerto tomou parte de pelo menos uma dessas campanhas, tendo a sorte de sobreviver.⁴³ As demais referências de Cieza de León são a incidentes dignos de nota que indicam a presença negra (a despeito de o cronista, exceto por essas ocasiões, simplesmente não a registrar): foi um africano quem descobriu uma mina d'água para uma companhia comandada pelo primo de Alvarado, Diego, no interior equatoriano; um africano salvou a vida de Almagro; andinos nativos tentaram lavar um escravo negro para apagar-lhe a cor; um mensageiro mulato teve um dedo decepado por Manco Inca, o governante inca que sucedeu Atahuallpa.

Outras fontes apresentam litania similar de incidentes, que vêm se somar às evidências incontestáveis da presença negra na Conquista peruana. Dos quatro primeiros não-nativos a avistarem a capital inca, Cuzco, em 1533, um era negro (o qual voltou a Cajamarca à frente de uma tropa de carregadores andinos levando metais preciosos). Durante o sítio de Cuzco em 1536 por Manco Inca, negros empenharam-se por extinguir os focos de incêndio no telhado do palácio real assim que os atacantes andinos os atearam. A força enviada de Hispaniola em socorro dos defensores compreendia duzentos africanos com experiência militar — um verdadeiro esquadrão de conquistadores negros.⁴⁴

Cieza de León registrou também a presença de negros numa desastrosa expedição à Colômbia nos anos de 1530, da qual o próprio cronista quase não escapou com vida. Os conquistadores acabariam

conseguindo fundar ali uma colônia, batizada de Nova Granada; um dos membros do grupo era Pedro de Lerma, mulato que alcançaria pleno *status* de conquistador. Inúmeros outros negros, em sua maioria escravos, desempenharam papéis variados em todas as expedições de Conquista em Nova Granada. Quando um grupo deles rebelou-se durante uma expedição, o governador, Luis de Lugo, determinou que tivessem os genitais extirpados — um morreu. Analogamente, havia africanos com o infame Lope de Aguirre, com Diego de Ordaz no Orinoco e com Diego de Losada na Conquista em Caracas (um dos quais, Antonio Pérez, era capitão veterano).⁴⁵

Assim como Juan Garrido costuma ser considerado o único conquistador negro do México, também Juan Valiente é intitulado de “o único conquistador negro do Chile”.⁴⁶ Entretanto, as evidências com relação ao México, Chile, Peru, Colômbia, Venezuela e alhures demonstram que esses homens não estavam, em absoluto, sozinhos. E, se o número de africanos nas primeiras expedições restringia-se às dezenas ou centenas, os homens e mulheres negros presentes nas principais colônias, como o Peru, não tardaram a montar aos milhares — mesmo com a Conquista ainda inconclusa. Entre 1529 e 1537, os irmãos Pizarro obtiveram 258 licenças para importar escravos africanos para o Peru, e em 1534 Alvarado trouxe mais duzentos deles (muitos dos quais, como Valiente, ficaram); contudo, um número muito maior chegou por meios ilegais, dentre estes quatrocentos escravos enviados do Panamá para o Peru em 1535, num período de apenas seis meses. À medida que as guerras de Conquista da década de 1530 foram se degenerando no conflito civil hispano-peruano dos anos de 1540, o número total de negros no Peru saltou para cerca de dois mil — chegando, no início da década de 1550, aos três mil.⁴⁷

Além de haver tantos outros africanos no Peru e Chile, a experiência militar de Valiente foi a mesma de outros africanos. Os nomes de alguns dos muitos outros negros que lutaram no Chile chegaram até nós: um africano chamado Felipe lutou em Marihueni; um certo Juan Fernández, em Cañete; e a participação de Juan Beltrán na Conquista

de Villarica foi tão significativa que ele foi nomeado comandante da guarnição local.⁴⁸ Em outras partes das Américas, os registros escritos ajudam a dar alguma idéia do que foram os duros anos de combates freqüentes que devem ter caracterizado as vidas dos conquistadores negros. Juan Bardales, por exemplo, afirmou ter sido ferido 106 vezes por flechas em Honduras e salvado a vida de seu capitão espanhol (ver Tabela 3).⁴⁹

O rei acabaria concedendo uma pensão a Bardales, do mesmo modo como a Toral, conquistador negro de Yucatán, com a justificativa de que ele “ajudou a colocar a província sob nosso domínio”⁵⁰ — o que soa como um relutante reconhecimento pelos serviços prestados. Con quanto raramente admitissem a importância militar dos africanos, também fica claro que os hispânicos tendiam a considerá-los “excelentes combatentes”, nas palavras de um funcionário do governo.⁵¹ Tal concepção devia-se a uma série de fatores: os escravos negros serviam havia séculos no Oriente Médio, África do Norte e Península Ibérica; a maioria dos africanos era escravizada por meio de guerras, o que constituía praticamente uma garantia de que muitos tinham uma experiência bélica prévia; e, por fim, os africanos nas Américas tinham como motivação para desenvolverem habilidades marciais não só sua própria sobrevivência, mas também a possibilidade de assim conquistarem a liberdade — que era a recompensa padrão dos conquistadores negros.⁵²

Para os espanhóis, duas categorias de africanos eram especialmente pugnazes: os muçulmanos de modo geral e os uólofes em particular — que, dessa forma, eram temidos e objetos de desconfiança, por um lado, e respeitados e valorizados, pelo outro. Por exemplo, na legislação real de 1532, os uólofes (oriundos da região do rio Senegal, na África Ocidental) foram caracterizados como “arrogantes, desobedientes, rebeldes e incorrigíveis”. Juan de Castellanos, poeta hispânico do século XVI que morou durante um período em Porto Rico, escreveu que “os uólofes são habilidosos e muito combativos / Com vãs pretensões de se tornarem cavaleiros”.⁵³ Os conquistadores negros que

os espanhóis julgassem talentosos em termos marciais e fiéis eram aclamados como figuras paradigmáticas. Um desses foi Juan Beltrán, mulato mestiço de origem africana e americana nativa, cuja carreira no Chile do século XVI já era legendária quando Vásquez de Espinosa escreveu a seu respeito em 1620. Esse “valoroso capitão”, segundo o viajante espanhol, “é digno de eterna lembrança pelas proezas admiráveis que operou entre estes selvagens. Manifestava profunda deferência pelos hispânicos, aos quais era também muito obediente e fiel. Com os índios, era destemido; eles o reverenciavam e respeitavam, a ponto de a mera menção de seu nome ser, muitas vezes, suficiente para intimidá-los e pôr suas forças em debandada”.⁵⁴

Beltrán lutou durante muitos anos no Chile, até que seus inimigos araucâniros lograram matá-lo. Do mesmo modo, Valiente pereceu enfrentando os mesmos americanos nativos, já com seus quarenta e tantos anos. No entanto, nenhum dos dois era um típico conquistador negro: ambos continuaram ativos no combate, ao passo que a maior parte de seus congêneres abandonava a carreira militar para estabelecer-se nas novas colônias mesoamericanas e andinas.

Os espanhóis associavam um número restrito de funções aos africanos e mulatos — papéis estereotipados, reforçados pela repetida designação de negros para esses mesmos cargos. O mais comum era o de pregoeiro (*pregonero*) público ou municipal, posto ocupado tanto por Juan García (Tabela 4) quanto por Juan Garrido; o pregoeiro de Lima durante os anos de 1540, Pedro de la Peña, também era negro. Outras funções que costumavam ser atribuídas a negros eram as de chefe de polícia, leiloeiro (outro cargo de Pedro de la Peña), carrasco, tocador de gaita-de-foles (Juan García de novo) e mestre de pesos e medidas (mais uma vez García). Talvez o cargo mais típico de todos fosse o de guarda ou porteiro (*portero*), posto ocupado por Garrido, na Cidade do México, e Sebastián Toral, um dos conquistadores negros de Yucatán, em Mérida. O *portero* convocava os conselheiros municipais espanhóis, preparava mesas e cadeiras e montava guarda na porta durante as reuniões.⁵⁵

Não se sabe ao certo se Valiente chegou a ocupar algum desses postos, embora seja provável que teria, sim, caso houvesse permanecido no Peru ou chegado cedo o bastante no México ou Guatemala para lá lutar. Uma vez que tais posições em geral eram distribuídas após as primeiras guerras de Conquista (e a do Chile prolongou-se *ad infinitum*), Valiente provavelmente continuou como conquistador em vez de tornar-se um *pregonero* ou *portero* pós-Conquista. Ademais, a sobrevivência de Valiente na fronteira permitiu-lhe ascender a um nível social negado aos negros nas principais colônias — como México, Guatemala e Peru. Comprar um cavalo e tornar-se capitão não era comum entre africanos, ainda que não totalmente inaudito. A concessão de uma propriedade — e, ainda por cima, de uma *encomienda* — era rara na fronteira, e simplesmente não acontecia nas áreas centrais. Com efeito, o único indício sólido de negros premiados com *encomiendas* que já encontrei foi no Chile, onde, além de Valiente, apenas Juan Beltrán e dois mulatos (de nome Gómez de León e Leonor Galiano) foram brindados com tal honraria.⁵⁶

Em geral, esperava-se que os negros vivessem na periferia das novas cidades espanholas e ocupassem funções marginais. Menos comuns eram decisões como a de Juan García — que, de posse de sua cota nos primeiros despojos da Conquista do Peru, voltou para a Espanha, onde viveria até idade avançada. Como espanhol de nascença e mulato livre, membro da companhia excepcionalmente rentável que adquiriu ouro e prata em Cajamarca em 1532-33 e em Cuzco em 1534, pôde se dar ao luxo de optar por essa alternativa. Por outro lado, sendo negro, foi também essa a sua solução para escapar aos murmúrios de ressentimento que começavam a circular em Lima acerca de seu *status* recém-adquirido de novo-rico.⁵⁷ Não há dúvida de que os africanos eram prezados nas invasões espanholas — mas só se, após a Conquista, se conformassem às vidas livres mas subordinadas de porteiros, como Garrido e Toral, ou lutassem de bom grado até a morte, como Beltrán e Valiente.

Tabela 4
A Vida de Juan García, Conquistador Negro

c. 1495?	Nasce livre, perto de Jaraicejo (próximo a Trujillo, Extremadura, Espanha), provavelmente de um casamento misto afro-hispânico, muito embora outros espanhóis mais tarde a ele se referissem como “negro”
1530	Recrutado em Trujillo para integrar a expedição de Pizarro ao Peru; deixa para trás esposa e duas filhas
1531-34	Membro da infantaria da expedição de conquista de Pizarro que deixa o Panamá em janeiro de 1531; ocupa os postos de pregoeiro (<i>pregonero</i>) e tocador de gaita-de-foles (<i>gaítero</i>) e é nomeado responsável pela pesagem do ouro e da prata em Cajamarca; presente na divisão de ouro e prata de Coaque, em 1531, Cajamarca, em 1533 (onde compra uma escrava nicaraguense nativa de outro conquistador) e Cuzco, em 1534
1534-35	Um dos cidadãos-fundadores da Cuzco hispânica, onde fixa residência
1535-36	Viaja para Lima, onde se dedica por algum tempo aos preparativos de seu retorno à Espanha; dali segue para Nombre de Dios (Panamá) e retorna a Extremadura; leva consigo sua cota de ouro e prata e, provavelmente, sua filha ilegítima com a mãe, uma andina nativa que era uma de suas criadas
1536-45	Mora na área de Jaraicejo-Trujillo até pelo menos 1545, autodenominando-se Juan García Pizarro; data de morte desconhecida

Fontes: Lockhart, *Cajamarca*, 1972: 6-15, 380-84; Cieza de León, *Peru*, 1998 [1550]: 243.

Nota: Uma versão dessa tabela foi publicada pela primeira vez em Restall, “Black Conquistadors”, 2000: 186.

O derradeiro capítulo da vida de Juan Beltrán é uma ilustração muito representativa do papel desempenhado pelos combatentes negros e nativos na Conquista hispânica. Pelo “excelente caráter e bravura” demonstrados na conquista e fundação de uma cidade espanhola em Villarrica, de acordo com o cronista colonial Vásquez de Espinosa, o novo governador encarregou Beltrán de supervisionar a construção de um forte nos arredores da cidade, do qual em seguida o designaria capitão. Ademais, “presenteou-o com quinhentos índios”, para os quais “foi um valoroso governador e capitão (...) e que lhe eram muito obe-

dientes. Fez-se respeitar e temer em todas as províncias vizinhas, nas quais realizou longas *malocas* ou incursões, voltando carregado de prêmios".⁵⁸ O objetivo do cronista era elogiar Beltrán; ao fazê-lo, porém, acabou lançando luz sobre uma Conquista denominada "espanhola", mas na qual um capitão negro liderava guerreiros indígenas contra outros nativos da América. Quer no coração do Império Asteca, quer na remota fronteira chilena, os espanhóis não foram, de modo algum, os conquistadores.

CAPÍTULO 4 Sob o domínio do rei
O mito da conclusão